



TELEVISÃO

A voz inesquecível do “Boa noite”

Cid Moreira morre aos 97 anos como referência em telejornalismo, entretenimento e narração de conteúdo religioso

» BIANCA LUCCA*
» MARIANA REGINATO*

Reprodução/Redes Sociais



Ícone da televisão: Cid Moreira deu “Boa noite” oito mil vezes no JN, antes de emprestar a voz a outros sucessos como “Mister M” e “Jabalani”

O Brasil se despede de uma das vozes mais marcantes da história do telejornalismo. Cid Moreira, jornalista, locutor e apresentador que marcou gerações, morreu, ontem, aos 97 anos, em decorrência de complicações causadas por pneumonia. Com uma carreira de mais de seis décadas, Cid tornou-se um ícone da televisão. O rosto marcante e a voz inconfundível eram presença constante na sala de estar de milhões de brasileiros.

Ontem, o telejornal de maior audiência do país exibiu uma edição especial em homenagem a Cid Moreira. Na abertura, um sinal de respeito: a tradicional vinheta do Jornal Nacional foi deixada de lado. Por alguns segundos, a câmera “viajou” pelo estúdio da TV Globo até exibir a imagem da apresentadora Renata Vasconcelos. Visivelmente emocionada, a jornalista anunciou a morte do ícone da televisão.

No encerramento, mais uma homenagem. Em sinal de luto, o JN terminou sem vinheta. Mas quem se despediu dos telespectadores foi Cid Moreira, com a reprise de um derradeiro “Boa noite”.

Internado no Hospital Santa Teresa, em Petrópolis (RJ), desde 4 de setembro, o jornalista não resistiu e morreu de falência múltipla dos órgãos. O libríano havia completado 97 anos em 29 de setembro.

Cid era filho do bibliotecário Isaura Moreira e da dona de casa Elza Moreira, irmão do locutor Célio Moreira. Formou-se em contabilidade em 1944. Nascido em Taubaté (SP), iniciou a trajetória no rádio nos anos 1940, destacando-se, rapidamente, pela voz grave e imponente.

Em 1969, passou a comandar o Jornal Nacional, função que ocupou até 1996, tornando-se uma figura emblemática da TV Globo. Durante esses anos, narrou momentos históricos, como a redemocratização do país, o impeachment de um presidente da República e acontecimentos globais de grande impacto.

A carreira jornalística começou na Rádio Difusora de Taubaté. De lá, Cid mudou-se para São Paulo, onde trabalhou na Rádio Bandeirantes e na Propago

Publicidade. Em 1951, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde foi contratado pela Rádio Mayrink Veiga. Deu início à experiência na televisão, na qual apresentou comerciais ao vivo em programas como Além da Imaginação e Noite de Gala, na TV Rio.

Em 1963, Cid estreou como locutor de noticiários no Jornal de Vanguardas, da TV Rio. Nos anos seguintes, o jornalista continuou a apresentar o programa nas emissoras Tupi, Globo, Excelsior e Continental. Em 1969, ao substituir Luís Jatobá no Jornal da Globo, Cid foi escalado como o primeiro apresentador do recém-lançado Jornal Nacional, o primeiro telejornal transmitido em rede no Brasil. A estreia ocorreu em setembro de 1969, e Cid dividiu a bancada com Hilton Gomes.

O “boa noite” diário do apresentador marcou gerações de telespectadores brasileiros. Em entrevista do arquivo do Memória Globo, Cid reflete sobre o compromisso com o trabalho: “Gosto mais das notícias de grande impacto, de emoção, porque eu tenho sensibilidade para passar isso, e consegui passar durante



O Cid, depois que saiu do Jornal Nacional, conseguiu ser marcante de outras formas, até com certo humor. A voz do quadro do Mister M, quem não lembra? (Ele foi) A voz que immortalizou o nome de uma bola de futebol, durante a Copa do Mundo, em 2010. Esse é o profissional que chegava às casas das pessoas”

William Bonner, jornalista

todos esses anos. Quando o Drummond morreu, fizemos um ‘boa noite’ diferente. No final do jornal, sussurrei: ‘E



Quando comecei a assistir ao Jornal Nacional, ele estava lá. Quando me tornei jornalista, ele estava lá. A primeira vez em que entrei ao vivo no JN, foi ele que chamou o meu nome: “De lá fala ao vivo a repórter Fátima Bernardes”. A voz dele naquela bancada, era uma grife, um selo de qualidade. Cid Moreira se foi, mas não será esquecido”

Fátima Bernardes, jornalista

agora, José? Ninguém esperava isso. Fizemos uma fila para me cumprimentar, e até hoje me sinto honrado.”

Segundo o Memória Globo, Cid estreou no jornal com grande nervosismo, que ele próprio custou a entender: “Eu chegava no horário de fazer o jornal, não participava da redação. Eu só ia para apresentar o jornal. Naquele dia, cheguei e vi aquele nervosismo, todo mundo preocupado. E, para mim, era normal. Mas no dia seguinte, vi na capa do jornal O Globo: Jornal Nacional... Aí comecei a perceber a dimensão”, revela. “Eu ainda tinha na minha cabeça a ideia de rádio, que estava em todos os lares, em todas as casas, pela facilidade. A televisão não tinha essa facilidade”, relatou.

Paulo José Araújo da Cunha, jornalista e professor na Universidade de Brasília (UnB), destaca que Cid Moreira transformou o jornalismo por completo. “Antes, o telejornalismo era puramente sensacionalista, não havia credibilidade. Houve um salto de qualidade na época em que Cid estava apresentando”, comenta.

Cunha observa que os jornalistas buscavam o que Cid possuía naturalmente. “Ele era muito eloquente e tinha a voz muito marcante. Lida as matérias em um papel, não utilizava o

teleprompter. Cid se tornou uma figura de credibilidade e muitas pessoas só acreditavam na informação quando ouviam pela sua voz”, destaca.

Em 1991, Cid Moreira deu uma entrevista para a revista Playboy. Falou sobre dinheiro, notícias falsas, viagens e relação com os fãs de forma descontraída. Ao ser perguntado sobre o segredo de estar 22 anos em frente às câmeras, Cid respondeu: “Há profissionais que criam um estilo, são reconhecidos por aquela maneira de falar e, mesmo depois de 50 anos, o cara não muda. Eu sou contra isso. Acho que é como na vida, como naquela teoria de que nada se perde, tudo se transforma. Um fator meu de permanência é que eu tenho a capacidade de me adequar. A minha narração, se você prestar atenção, para cada assunto, eu faço diferente”, disse.

Após 26 anos como apresentador do Jornal Nacional e 8 mil ‘boa noite’, William Bonner e Lillian Witte Fibe passaram a comandar o programa em 1996. Cid permaneceu na Rede Globo e revezou com outros apresentadores no Fantástico. Em 1999, narrou o quadro do ilusionista Mr. M, um dos grandes sucessos do programa no ano. A voz do locutor ficou de tal forma associada ao quadro que, quando Mr. M esteve no Brasil, no ano seguinte, o próprio Cid Moreira o entrevistou com exclusividade para o programa dominical da TV Globo.

Em 2010, durante a Copa do Mundo da África do Sul, Cid gravou uma vinheta a ser exibida durante as reportagens do Fantástico e de programas esportivos da Rede Globo. A vinheta “Jabalani!”, nome da bola da Copa, foi um sucesso.

Além do jornalismo, o apresentador dedicou-se à divulgação da Bíblia. Gravou textos sagrados em áudio que alcançaram milhões de brasileiros, disponíveis no Youtube. Esse projeto reforçou a imagem de um homem de princípios e profunda espiritualidade. Em 2011, cumpriu o objetivo de gravar a Bíblia na íntegra. Os CDs com a locução de Cid se tornaram um grande sucesso, com milhões de cópias vendidas.

*Estagiárias sob a supervisão de Carlos Alexandre de Souza

ENSINO SUPERIOR

Conclusão de curso é maior entre cotistas, aponta MEC

» LUANA PATRIOLINO

Os estudantes que ingressaram em universidades e instituições federais por meio do sistema de cotas tiveram uma taxa de conclusão 10% maior que a de não cotistas, em uma década (2014-2023), segundo o Censo da Educação Superior, divulgado ontem. Os dados foram coletados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e pelo Ministério da Educação (MEC).

De acordo com os indicadores,

no último ano, 51% dos alunos cotistas concluíram o curso, enquanto os não cotistas ficaram em 41%. Nas faculdades particulares, o cenário é similar — com destaque para os estudantes que ingressaram no ensino superior por meio de iniciativas do governo.

Dados apontaram que o Programa Universidade para Todos (Prouni) e o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) impactaram positivamente na taxa de concluintes dos cursos de graduação no Brasil: 58% dos

beneficiários concluíram a etapa, no ano passado, contra 36% entre os estudantes que não fazem parte da política.

Entre os alunos que estudaram por meio do Fies, o índice foi de 15% superior ao de quem não usa o auxílio: 49% para 34%. O ministro da Educação substituiu, Leonardo Barchini, ressaltou a importância de incentivar programas para a inclusão de minorias.

“Os dados nos mostraram que o caminho é cuidar desses estudantes, especialmente dos que mais precisam, porque eles respondem, eles dão resultado quando instados a entrar na educação superior. A gente dá uma chance para esses estudantes de baixa renda, pretos, pardos

e indígenas, e eles respondem.”, disse, durante a apresentação dos dados.

Para o secretário de Educação Superior do MEC, Alexandre Brasil, o desafio é garantir o acesso e a permanência dos estudantes na educação superior e investir na consolidação das universidades e institutos federais do país.

“No caso das federais, tem todo o desafio de investir na consolidação, na construção de restaurantes universitários e de moradias estudantis. A preocupação é fortalecer a permanência, o acesso e oferecer recursos para os que os estudantes terminem os cursos, para ampliar a educação superior e contribuir no desenvolvimento desse país”, afirmou.

Ensino a distância

Em 2023, nos cursos de formação de professor (como pedagogia e licenciaturas), 67% dos universitários estudavam a distância. Segundo os dados do MEC e do Inep, considerando apenas aqueles que ingressaram na graduação no ano passado, 81% optaram pela modalidade EAD.

O ministro da Educação, Camilo Santana, defende uma reforma regulatória para isso, disse o chefe da pasta em audiência da Câmara dos Deputados no ano passado.

O Ministério da Educação suspendeu, até 10 de março de 2025, a criação de novos cursos de

graduação a distância, novas vagas e polos de EaD. Segundo o órgão, a decisão faz parte do processo de revisão do marco regulatório da educação a distância, que tem como objetivo garantir a sustentabilidade e a qualidade dos cursos de graduação oferecidos nessa modalidade.

O censo de 2023 registrou 2.580 instituições de educação superior. Dessas, 87,8% (2.264) eram privadas e 12,2% (316), públicas. A rede privada disponibilizou 95,9% (23.681.916) das mais de 24,6 milhões de vagas. A pública foi responsável por 4,1% (1.005.214), com 65,5% (658.273) dessas vagas em instituições federais. Na modalidade de Educação a Distância, a oferta foi de 77,2% (19.181.871). As presenciais representaram 22,8% (5.505.259).